

MÚSICA POP, ENVELHECIMENTO E NEGOCIAÇÕES: NOTAS SOBRE A PARCERIA DE GRETCHEN E KATY PERRY EM “SWISH SWISH”¹Mariana Lins²**RESUMO**

A participação da cantora Gretchen no videoclipe promocional da canção "Swish Swish", da estrela estadunidense Katy Perry, não só adiou a aposentadoria já anunciada da artista brasileira, mas a reposicionou de forma inédita nas instâncias midiáticas. O presente trabalho busca pensar esse processo, discutindo as implicações de gênero e idade, a partir de possibilidades teórico-metodológicas dos Estudos de Performance e da análise de roteiros e enquadramentos (TAYLOR, 2013) que marcam o vídeo e as consequentes performances resultantes da parceria entre as cantoras. Entendendo o corpo velho feminino como um elemento central da discussão, propomos investigar de que maneira esse corpo, então aos 58 anos, tensiona o imperativo da juventude na música pop simbolizado por Perry.

PALAVRAS-CHAVE: Idadismo; gênero; envelhecimento; performance; música pop.

POP MUSIC, AGEING AND NEGOTIATIONS: NOTES ON THE GRETCHEN AND KATY PERRY COLLABORATION IN “SWISH SWISH”³**ABSTRACT**

The appearance of the Brazilian singer Gretchen in the promotional videoclip for the song "Swish Swish", by the American popstar Katy Perry, not only postponed the already announced retirement of the Brazilian artist, but repositioned her in an unprecedented way in the national media. The present work aims to think about this process, discussing the gender and age implications, based on theoretical and methodological possibilities of Performance Studies and the analysis of scripts and frameworks (TAYLOR, 2013) that mark the video and the other performances resulting from the partnership between the singers. Understanding the old female body as a central element of the discussion, we propose to investigate in what way Gretchen's own body, then 58 years old, tensions the imperative of youth in pop music symbolized by Perry.

KEYWORDS: Ageism; Gender; Ageing; Performance; Pop music.

Em 2017, a estrela pop estadunidense Katy Perry colocou a cantora e dançarina Gretchen de volta aos noticiários e rodas de conversa, depois de anos, no Brasil. A

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) - Código de Financiamento 001.

² Mariana Lins é doutoranda do PPGCOM-UFPE e integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Música e Cultura Pop (GruPop). Tem graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e mestrado em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em 2018, participou de extensão universitária em missão discente na Universidade Federal Fluminense (UFF), através do Projeto PROCAD/Capes, e, entre 2019-2020, realizou estágio doutoral, como bolsista Capes, na Universidad de Oviedo (Espanha). Tem experiência na área de Jornalismo, com passagens pelas redações da Folha de Pernambuco e do Sistema Jornal do Comercio de Comunicação. Atua e tem interesse nas áreas de Estudos Culturais, Estudos de Gênero, envelhecimento, performance e música pop.

³ This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) - Finance Code 001.

artista protagonizou o *lyric video*⁴ de uma das faixas do novo álbum de Perry, “*Witness*” (Capitol, 2017), intitulada “*Swish Swish*”⁵. Gretchen, então aos 58 anos, fora símbolo sexual do país, entre as décadas de 1970 e 1980, e permaneceu como uma figura midiática recorrente em programas de variedades na TV ao longo de mais de 40 anos. Não raramente, suas aparições costumavam incluir a performance de pelo menos uma de suas três canções de maior sucesso – “*Freak Le Boom Boom*” (1978), “*Conga, Conga, Conga*” (1981) e “*Melô do Piripiri*” (1982) – ou a discussão de alguma polêmica de âmbito pessoal.

A estreia no vídeo promocional de “*Swish Swish*”, e a conseqüente sobrevida na cultura midiática, no entanto, pouco teve a ver diretamente com a carreira musical de Gretchen. O interesse de Perry teria surgido em função da grande quantidade de memes⁶ criados por fãs brasileiros, a partir de cenas da cantora num *reality show*⁷ do qual participou em 2012. Afastada da vida pública, tendo inclusive anunciado a aposentadoria em diversas ocasiões, a artista voltou a despertar o interesse popular após o sucesso dos memes nas redes sociais e, logo em seguida, pelo trabalho com Katy Perry.

O corpo envelhecido de Gretchen, ironizado há anos na mídia, parece ter sido ressignificado com a apropriação de sua imagem pelos jovens que “resgataram” sua carreira na internet. Diante desse novo cenário, a pergunta que nos norteia aqui é: de que forma o envelhecimento e a origem latino-americana de Gretchen têm sido negociados nas instâncias performáticas e midiáticas, em meio ao lançamento de “*Swish Swish*”? Para desenvolver minha reflexão, escolhi três episódios distintos, mas que considero especialmente relevantes e interligados: a performance no *lyric video*, lançado em julho de 2017; a aparição de Gretchen no show de Katy Perry no Brasil, em março de 2018; e a capa da revista *Veja Rio*, publicada em abril de 2018.

⁴ Tipo de vídeo promocional criado para apresentar a letra da música ao público, antes do lançamento do videoclipe oficial da canção.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X0ZVaFO7cGE>. Acesso em: 19 jun. 2020.

⁶ Termo utilizado para designar fotos ou vídeos virais, geralmente com algum elemento de humor, que circulam pelas redes sociais.

⁷ A proposta do programa da Rede Record “*A Fazenda*” era manter celebridades, a maioria em ostracismo, confinadas numa propriedade rural do interior de São Paulo, em disputa por um prêmio milionário.

O objetivo é refletir crítica e esteticamente acerca das negociações que envolvem o envelhecimento de figuras públicas femininas na música *mainstream*, levando em consideração, neste caso, também, uma certa relação de alteridade que parece permear a colaboração de Katy Perry e Gretchen. A parceria nos coloca diante de performances que fazem emergir algumas questões importantes: a estrela internacional estadunidense bem-sucedida e a cantora latino-americana em decadência, ambas reféns de seus corpos em diferentes escalas e significações; a supremacia da juventude sobre a estética do grotesco que entrincheira velhice; os silenciamentos; e as marcas do Brasil que o corpo de Gretchen empresta a sua performance no vídeo de Perry.

Partindo da noção de roteiro performático, postulada por Diana Taylor (2013), busco entender estruturas e comportamentos sociais que se reiteram nos enquadramentos midiáticos do corpo envelhecido de Gretchen. O que a autora propõe é recorrer conceitualmente à performance como uma lente metodológica capaz de dar conta das metáforas incutidas nas práticas teatralizadas/ritualizadas (dança, funerais, casamentos, espetáculos etc.) do cotidiano. A performance, para ela, configuraria uma episteme e também um modo de transmissão de conhecimento, enquanto que os roteiros orientariam nossa compreensão, reativando velhos dramas, imagens e estereótipos.

MY NAME IS GRETCHEN: O PRIMEIRO CORPO NEGOCIADO

Figura de grande circulação midiática nacional, o reconhecimento de Gretchen, desde o início da carreira, parece ter sido menos atrelado a sua habilidade vocal e mais a seus atributos físicos, consagrando-se no imaginário pop brasileiro como a “rainha do rebolado” ou “rainha do bumbum”. Nascida Maria Odete Brito de Miranda, em 29 de maio de 1959, no Rio de Janeiro (RJ), começou a carreira como *crooner* de orquestra, em 1976, tornando-se, anos depois, uma das integrantes do grupo musical As Melindrosas, ao lado das irmãs Iara e Sula, além da amiga Paula. Sob o comando do DJ e produtor argentino Santiago Malnati (Mister Sam), Maria Odete permaneceu pouco tempo com as meninas e acabou seguindo carreira solo, sob a alcunha de “Gretchen”, meses após o lançamento do primeiro compacto do grupo, “Disco Baby” (Copacabana, 1978).

Sam planejava criar uma versão brasileira de Charo, a voluptuosa *performer* espanhola que usava roupas justíssimas, decotes imensos e fazia sucesso com a música “*Dance a little bit closer*”. O produtor contratou Maria Odete para gravar um compacto com as faixas “*Dance with me*” e “*Love me more*”, e escolheu um nome artístico para a moça: Gretchen, inspirado no filme “Aleluia, Gretchen” (1976), de Sylvio Back, sobre uma família alemã no Brasil envolvida com nazistas. “A ideia era que a Gretchen seria uma cantora alemã, que nem falava português. Ninguém podia saber que ela era do Ipiranga!” (BARCINSKI, 2014, p. 110)

É interessante observar que, desde o começo, o corpo de Gretchen sempre fora objeto de negociação entre as instâncias midiáticas pelas quais transitou, sobretudo na indústria fonográfica. Segundo afirma Barcinski (2014), o apresentador Carlos Imperial⁸ teria sido um dos principais incentivadores da saída da cantora do grupo As Melindrosas, exibindo em seu programa, pela primeira vez, a imagem sexualizada da artista na TV⁹. Assim como ele, Mister Sam e a gravadora Copacabana também pareciam concordar que a sensualidade de Gretchen poderia ser mais rentável em carreira solo.

O culpado pela separação foi Carlos Imperial: quando o grupo foi se apresentar em seu programa na TV Tupi, ele resolveu lançar Gretchen na mesma noite. No primeiro bloco, ela apareceu com As Melindrosas, cantando, de maria-chiquinha, “Atirei o pau no gato”. Quando o programa voltou, após os comerciais, ela surgiu de vestido de renda transparente, rebolando e gemendo “*Dance with me*”. “Meu pai surtou, a gente ficou em estado de choque, ninguém entendeu nada”, lembra Sula. (BARCINSKI, 2014, p. 111)

Após a performance no Programa Carlos Imperial, em 1978, a artista lança seu primeiro LP “*My name is Gretchen*” (Building/Copacabana, 1979), que inclui a faixa “*Freak le boom boom*”, um sucesso que a projeta nacionalmente. Nessa fase, Gretchen é presença constante em programas de auditório na TV, sempre rebolando em figurinos provocantes e sussurrando frases desconexas em língua inglesa¹⁰. Assim como seu nome artístico, todos os álbuns da cantora lançados nesse período têm títulos em inglês e grande influência da música *disco* norte-americana (FIG. 1) – “*You and me*” (Building/Copacabana, 1981) e “*Lonely*” (Building/Copacabana, 1982).

⁸ Produtor artístico e apresentador de televisão, famoso por ter lançado em seus programas de auditório artistas como Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Jorge Ben.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DeFxHTU3wtk&t=97s>. Acesso em: 19 jun. 2020.

¹⁰ Mister Sam, produtor e compositor das faixas, costumava criar as letras das músicas a partir de frases aleatórias retiradas de apostilas de curso de inglês. (BARCINSKI, 2014)

FIGURA 1 - Três primeiros álbuns de Gretchen, lançados em 1979, 1981 e 1982



FONTE: Reprodução

Apesar dos traços físicos brasileiros, a indústria fonográfica buscou a todo tempo vincular comercialmente a figura de Gretchen ao imaginário estrangeiro. O que talvez se explique pela popularidade da cultura *disco* na época, sobretudo nos Estados Unidos, onde novas formas de se relacionar com a música foram forjadas, “consolidando a pista de dança e as discotecas como novos territórios de fruição e experiências estéticas da cidade” (LIMA, 2017, p. 26). Lá, a era *disco* acolheria comunidades historicamente marginalizadas da população, como negros, imigrantes latinos e gays, permitindo a vivência dessas identidades na pista de dança¹¹, como que numa resposta ao caos político, econômico e moral do país.

No Brasil, o corpo jovem, moreno e seminu de Gretchen passa a circular na televisão aberta, em plena ditadura militar (1964-1985), numa relação ambígua entre a objetificação e uma espécie de resistência. Ao mesmo tempo em que povoava as fantasias sexuais masculinas, governada pelas diretrizes estratégicas da gravadora, a superexposição da cantora em rede nacional também tensionava o que Althusser (1970, p. 43) define como Aparelho Repressivo (AE) e Aparelho Ideológico de Estado (AIE)¹². Durante o regime militar, ambos se articularam para a manutenção do controle da

¹¹ A era *disco* surge em meio à Guerra do Vietnã (1959-1975), quando os Estados Unidos enfrentam uma profunda recessão econômica, em virtude não apenas do conflito, mas da crise do petróleo, em 1973. Aliado a isso, o país também encara os efeitos políticos do “escândalo de Watergate”, protagonizado pelo presidente Richard Nixon, que renúncia ao cargo em 1974, após acusações de espionagem durante a campanha de 1972.

¹² Segundo o autor, o Aparelho repressivo de Estado (AE) é composto por governo, exército, polícia, tribunais, prisões etc. e funciona através da violência (inclusive física), diferindo, portanto, dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), que operam pela via da ideologia (escola, imprensa, igreja, sindicatos etc.).

liberdade de expressão no país, por meio da Divisão de Censura e Diversões Públicas, pertencente ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) do governo federal.

O corpo de Gretchen, nesse contexto, atuava desafiando os padrões morais da época, na mesma proporção em que também servia aos interesses do Estado, “distraindo” a população, em especial a masculina. Não à toa, mesmo com a censura prévia, a segunda metade da década de 1970 ficaria marcada por uma certa liberação da pornografia no país, com intensa produção de filmes de pornochanchada¹³ e o lançamento de revistas eróticas – como Playboy, Ele & Ela e Status. O afrouxamento das instâncias de controle estatal sobre o conteúdo pornográfico, curiosamente, não se estendia a outros produtos de entretenimento, como peças de teatro, músicas ou teledramaturgia, por exemplo.

A UTOPIA DA SENSUALIDADE

O processo de redemocratização do Brasil, iniciado em meados dos anos 1980, além de trazer mais abertura aos meios de comunicação, permitiu que os artistas recuperassem gradativamente a liberdade de expressão por tanto tempo cerceada. Com o fim da ditadura militar, em 1985, Gretchen segue lançando outros álbuns, porém, em intervalos mais longos e sem a mesma repercussão dos três primeiros, que reúnem suas músicas de maior sucesso. A partir da década de 1990, a cantora continua a gravar discos e fazer shows, mas são as aparições em programas de TV e em revistas de celebridades que ganham destaque na sua carreira, seja em função de sua movimentada vida amorosa ou das intervenções cirúrgicas que divulgava¹⁴.

A imagem construída por Gretchen midiaticamente transformou-se à medida que não apenas a sua vida privada, como também seu envelhecimento foi exposto ao

¹³ Gretchen chegou a estrelar a pornochanchada “Aluga-se moças” (1982, dir. Deni Cavalcanti), ao lado de algumas “chacretes” (nome dado às assistentes de palco do programa de TV do apresentador Chacrinha).

¹⁴ Gretchen é notadamente adepta de cirurgias plásticas, desde o início da carreira, tendo admitido em entrevistas pelo menos 30 intervenções. Atualmente, afirma ter perdido as contas. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/gretchen-revela-em-biografia-que-ja-gastou-mais-de-500-mil-em-plasticas-18015136.html>. Acesso em: 20 jun. 2020.

público. O fetiche do símbolo sexual oitentista, paulatinamente, dá lugar à abjeção¹⁵ de um corpo que talvez não devesse mais ocupar os espaços de antes ou mesmo existir dentro da lógica normativa estabelecida no *mainstream*, onde a juventude parece se colocar como valor imperativo. No caso da artista, desde o início da carreira, seu corpo foi um ponto tensivo na indústria, a começar pela supressão do nome e da nacionalidade originais, seguido pela imposição da língua inglesa e da sensualidade forjada nas performances – desde o figurino *sexy*, passando pelo rebolado, até os gemidos nas músicas. Há um país inteiro atravessado no corpo de Gretchen.

Com o tempo, as cirurgias plásticas e o avanço da idade levaram a cantora a se afastar da sua imagem dos anos 1980. Mesmo assim, as intervenções estéticas e as contínuas performances, em trajes sempre muito sensuais, de seus três únicos sucessos musicais parecem configurar uma busca recorrente pelo corpo utópico que ficou para trás. Essa reencenação do passado, de acordo com Taylor (2013), reativa uma memória arquivada do público e dos artistas, resgatando todo um repertório de músicas, vestimentas, gestos e, sobretudo, de um corpo que aglutina as marcas do que é e do que já foi. Como aponta Foucault (2013, p. 11), as utopias “nascem do próprio corpo e, em seguida, talvez retornem contra ele”, e normalmente de maneira fragmentada.

Para além do conceito de corpo abjeto de Butler (2015), que parece contemplar também o corpo velho no espectro de “excluídos” que a autora define, é possível que a existência – e resistência – dele na cultura midiática dialogue em alguma medida com a ideia de representação do grotesco. Gretchen, por exemplo, volta a ser assunto entre os jovens após a criação de memes retirados de cenas da participação dela num *reality show* televisivo. As expressões faciais “afetadas” da cantora durante o programa, notadamente marcadas pelos procedimentos estéticos, inspiraram uma nova geração de fãs a se divertir inventando frases para acompanhar as imagens.

Grotesco é aí, propriamente, a sensibilidade espontânea de uma forma de vida. É algo que ameaça continuamente qualquer representação (escrita, visual) ou comportamento marcado pela excessiva idealização. Pelo ridículo ou pela estranheza, pode fazer descer ao chão tudo aquilo que a ideia eleva alto demais. (PAIVA; SODRÉ, 2002, p. 39)

¹⁵ A noção de “corpo abjeto”, postulada pela filósofa Judith Butler, engloba, entre outros aspectos, a falta de reconhecimento e legitimidade de corpos estranhos à normatividade vigente de certas matrizes culturais, tais como transexuais, negros, deficientes físicos, imigrantes etc. Ver mais em BUTLER (2015).

O fato é que Gretchen retorna à mídia através do tratamento jocoso acionado pelo seu corpo. E quando falamos em mídia, é preciso deixar claro que nos referimos a princípio ao meio virtual, uma vez que os tradicionais (TV, rádio, jornais e revistas) só voltam a pautar a cantora após o agendamento criado pelo clipe de Katy Perry. Essa representação grotesca da artista velha, antes da estetização em “*Swish Swish*”, não parecia encontrar tanto espaço fora do contexto das redes sociais até o lançamento do vídeo.

SWISH SWISH

FIGURAS 2 E 3 – Gretchen no *lyric video* de “Swish Swish” (2017)



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=X0ZVaFO7cGE>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

Em 3 de julho de 2017, no dia do lançamento do *lyric video* da música “*Swish Swish*”, Katy Perry publicou, em seu perfil oficial no Twitter, o link do clipe acompanhado do texto: “Morta linda! O *lyric video* que vocês não pediram, mas que a internet precisa. #swishswish estrelando a Rainha @GretchenCantora”¹⁶. As palavras de Perry parecem sintetizar a presença de Gretchen no seu vídeo. “Ninguém”, de fato, pediu, mas o espaço comum onde a popularidade de ambas se aglutina, a internet, criou um terreno possível para que essa colaboração existisse.

¹⁶ “Morta linda! The *lyric video* u didn’t ask for but the internet needs. #swishswish starring Rainha @GretchenCantora”. Disponível em: <https://twitter.com/katyperry/status/881949035770204160>. Acesso em: 3 jun. 2020.

A norte-americana teria composto a canção como “resposta” a uma suposta desavença com outra cantora, Taylor Swift¹⁷, anos antes. Na letra, Perry desafia a rival, colocando-se em posição de superioridade ao mostrar que, não importa o quanto sua inimiga tente prejudicá-la, ela sempre sairá vitoriosa: “seu jogo é cansativo/ você deveria se aposentar/ você é tão linda quanto um boleto velho expirado/ o karma não perdoa/ e guarda os recibos”¹⁸. A participação da brasileira no *lyric video*, porém, ressignifica quase que inteiramente a canção (FIG. 2 e 3).

Por muito tempo no ostracismo, Gretchen reemerge a partir de um cenário de jocosidade para se apropriar das provocações de Perry “endereçadas” a Swift e torná-las mote da sua própria narrativa de ressurgimento midiático. Essa leitura, à luz do que postula Frith (1995), é fruto do resultado que o efeito de uma performance pode alcançar, a partir do que vemos e ouvimos de imediato, independentemente da intencionalidade que a envolva. Como ele aponta, “o termo ‘performance’ define um processo social – ou comunicativo. Ele requer uma audiência e é dependente, nesse sentido, da interpretação; é sobre significado”. (FRITH, 1995, p. 205, tradução nossa¹⁹) O que explica, em grande medida, por que o tema da intriga entre as duas estrelas estadunidenses, com a aparição de Gretchen no vídeo, foi ofuscado entre os espectadores do Brasil. A performance da artista brasileira acrescentou uma nova camada à música de Perry, a partir de seu corpo e da sua biografia.

Em “*Swish Swish*”, Gretchen não canta, apenas dança e rebola junto a um grupo de jovens bailarinos, numa quadra de basquete, fazendo caras e bocas para a câmera, num movimento ambivalente entre o *sexy* e o risível. A artista parece se divertir e debochar de cada verso da canção, enquanto a coreografia dos bailarinos que a acompanham parece celebrar sua presença entre eles. Ao contrário de outras épocas, o figurino, mesmo extravagante, é mais contido, mesmo realçando o corpo de Gretchen – blusa preta brilhosa, transparente, e calça escura, justa, com estampa de listras (FIG. 4).

¹⁷ Katy Perry Discusses Taylor Swift Feud and the True Meaning of 'Swish Swish'. Disponível em: <http://time.com/4793002/katy-perry-taylor-swift-swish-swish>. Acesso em: 10 jun. 2020.

¹⁸ “Your game is tired/ you should retire/ you're 'bout as cute as/an old coupon expired/ and karma's not a liar/ she keeps receipts”.

¹⁹ [...] the term “performance” defines a social – or communicative – process. It requires an audience and is dependent, in this sense, on interpretation; it is about meanings.

De modo geral, o tom do vídeo é festivo, com pouco apelo sexual evidente, e parece permitir que uma Gretchen quase sexagenária ria, ao invés de ser o alvo da risada.

LATINIDADE EMOLDURADA

O vídeo, contudo, não estreia na televisão, como aconteceria anos atrás, mas no canal de Katy Perry no YouTube, onde atinge o recorde de visualizações em 24 horas para um *lyric video* de uma artista feminina, totalizando 6,2 milhões²⁰. Até setembro de 2020, já ultrapassava 88 milhões. A repercussão na internet leva Gretchen a ser requisitada para inúmeras entrevistas na mídias tradicional – inclusive, em programas do horário nobre, como o “Fantástico”, na Rede Globo –, reativa sua agenda de shows, aumenta as campanhas de publicidade e faz surgir o convite para participar de uma das três apresentações da turnê “Witness” de Perry no Brasil.

O que também chama atenção nesse revigoramento da imagem de Gretchen é, de algum modo, a reprodução do que Taylor (2013) chama de “roteiro de descoberta”, ou seja, uma herança colonial que há pelo menos 500 anos perdura nas Américas sob diversas alegorias, inclusive (e talvez principalmente) na cultura midiática. “O descobridor, o conquistador e o ‘selvagem’, a princesa nativa, por exemplo, podem ser personagens básicos em muitos roteiros ocidentais”. (TAYLOR, 2013, p. 60) No caso aqui analisado, Katy Perry seria de certa forma a “colonizadora” estrangeira que redescobre, estetiza, agrega valor e reposiciona Gretchen no imaginário pop brasileiro (e internacional). Sem Perry no caminho, é possível que ela houvesse seguido com a aposentadoria, lembrada por GIFs²¹ animados nas redes sociais.

A “legitimação” alcançada pela via da popstar estadunidense, porém, não acontece sem ressalvas. O *lyric video* apresenta a imagem de uma Gretchen asséptica, sem corpo à mostra, com voz e sensualidade contidas, contrastando com todas as imagens de sua conhecida trajetória no Brasil. Visualmente, seu figurino relega a extravagância aos acessórios (cintos, pulseiras, brincos grandes), e não exatamente à roupa, indícios do que pode ser associado esteticamente à imagem da mulher latina. Da

²⁰ Disponível em: <http://portalpopline.com.br/swish-swish-lyric-video-de-katy-perry-com-gretchen-quebra-recorde-feminino>. Acesso em: 10 jun. 2020.

²¹ Sigla para *Graphics Interchange Format* ou formato de intercâmbio de gráficos, criado nos anos 1980, para compressão de dados de imagem. Atualmente, é o formato mais popular dos memes.

Gretchen que os brasileiros conhecem, resta o rebolado comedido em *takes* esporádicos e impolutos ao longo do vídeo.

Parece existir uma obliteração clara do corpo velho, feminino e latino nessa performance. A roupa de Gretchen no vídeo “domestica” de certo modo o próprio estilo da cantora – quase sempre sensual, privilegiando minissaias e decotes – e parece tentar enquadrá-la num horizonte de expectativas etiquetado a sua idade. A moral da pele lisa, na sociedade do espetáculo, se impõe sob o estigma da invisibilidade e da interdição do gozo corporal, a ponto de ecoar a todo momento a lógica de que “a pessoa que deixou de ser jovem teria dilapidado boa parte do seu capital corporal e, após esse esgotamento, encontra-se à beira de uma virtual inexistência”. (SIBILIA, 2011, p. 89)

Do ponto de vista da performance, cabe questionar também se os “roteiros de conquista” que se perpetuam na cultura da mídia não continuam a reforçar a ideia de subalternidade do Sul Global. A assepsia e silenciamento da figura de Gretchen, em “*Swish Swish*”, certamente abrem caminho para considerações nesse sentido.

Entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da “mulher do Terceiro Mundo”, encurralada entre a tradição e a modernização. (SPIVAK, 2014, p. 119)

É como se o vídeo de Katy Perry aparasse as arestas da imagem da cantora brasileira para devolvê-la ao mercado com um enquadramento específico, balizado pela indústria cultural norte-americana. Algo que, obviamente, não é novo na lógica do *mainstream* e de suas tendências homogeneizantes. No entanto, o mais emblemático nesse cenário é o processo de apagamento ao qual o corpo e a identidade de Gretchen são submetidos, e que atinge o ápice em seu encontro com Perry, no show, durante a performance da música.

SEM FALA, SEM VOZ

Quase um ano após o lançamento do *lyric video*, Katy Perry chega ao Brasil, em março de 2018, para três apresentações, nas cidades de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Em meio a grande expectativa, Gretchen é convidada a se juntar à cantora

durante o show que tivemos a oportunidade de acompanhar, em São Paulo²². Ao contrário do que imaginava o público, a brasileira só entra no palco quando a música “Swish Swish” já se aproxima do final (FIG. 5). “Eu tenho uma convidada muito especial. É a Gretchen!!”, anuncia Perry à plateia, enquanto Gretchen sai de uma plataforma interna, na lateral da passarela que integra o palco, e dá um longo abraço na colega.

FIGURA 5 - Gretchen e Katy Perry no show “Witness Tour”, em 2018, em São Paulo



FONTE: <<https://www.facebook.com/musicalizebr/videos/2074834152762209/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

Sob a histeria do público, Katy Perry pede “*show me, Gretchen!*” (mostre-me, Gretchen!) e as duas dançam juntas a coreografia do *lyric video*, à medida em que Perry tenta copiar os movimentos ágeis da brasileira. Gretchen usa um vestido curto, de paetês vermelhos, sem decote ou transparência, onde se vê escrito “*Swish Swish Bish*” (o refrão da música) na frente e botas de látex vermelhas. Ambas parecem se divertir. A emoção de Gretchen é visível, assim como a da plateia, que não para de gritar. A cena inteira dura menos de dois minutos e se encerra quando Perry segura sua mão e a conduz para o fundo do palco, de onde se despedem. Outra vez, Gretchen abraça a cantora longamente, afaga seu rosto e parece lhe dizer algumas palavras de agradecimento, ao que Perry retribui com um “obrigada!”, em português.

É curioso perceber como Katy Perry conduz a performance. Mesmo sabendo da comoção que a presença de Gretchen causaria naquele contexto, em nenhum momento

²² Disponível em: <https://www.facebook.com/musicalizebr/videos/2074834152762209>. Acesso em: 10 jun. 2020.

ela disponibiliza o microfone para que a brasileira interaja com o público, seja para falar brevemente ou mesmo para cantar. A função de Gretchen ali é bastante determinada: dançar, rebolar, acenar e sair tão rápido quanto entrou. Se nos anos 1970 e 1980 a performance da artista era orientada pelas diretrizes “objetificantes” da indústria fonográfica, em grande parte pela sua condição feminina, atualmente a sujeição se dá também por outros aspectos aglutinados em seu corpo: a origem e a idade.

A aproximação de Katy Perry com um dos maiores símbolos do imaginário pop brasileiro se desenvolve a partir de uma relação vertical que a nenhum instante parece dialogar com as singularidades que envolvem a trajetória de Gretchen. Não há, portanto, uma redistribuição igualitária de poder, mas uma reiteração constante da condição de subalternidade de Gretchen e hegemonia de Perry.

Se o mundo globalizado/conectado permitiu que as carreiras das duas se cruzassem em algum ponto, ele também é o responsável por florescer o abismo que as separa culturalmente. O encontro de Gretchen e Perry ilustra bem a conveniência de uma das ideias de multiculturalismo que Hall (2003) aponta em sua obra; é a metáfora exemplar da celebração da diferença sem fazer diferença. A biografia, a trajetória e a cultura de Gretchen no Brasil não importam à máquina industrial por trás de Katy Perry. São detalhes que complexificariam a relação comercial de ambas, promovendo diferenças culturais que possivelmente não interessam à estrutura de capital (econômico e simbólico) envolvida resolver. Lidar com a problemática da idade impressa no corpo de Gretchen já parece ocupar uma parte considerável dessas diferenças.

EFEITO PÓS-PERRY

Alguns dias após a participação no show de Katy Perry no Brasil, Gretchen é capa da edição de 4 de abril de 2018 da revista *Veja Rio*²³. A publicação faz parte de um dos quatro segmentos regionais da revista de circulação nacional *Veja* e traz uma entrevista com a brasileira, que, na ocasião, está às vésperas de lançar um *reality show* sobre sua família, no canal de TV a cabo Multishow. Resultado dos frutos colhidos da

²³ Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cultura-lazer/rainha-da-web-gretchen-estreia-reality-show-e-fatura-alto-com-publicidade>. Acesso em: 10 jun. 2020.



parceria com Perry. O conteúdo da reportagem, entretanto, é ofuscado pela surpresa provocada pela capa ao chegar às bancas (FIG. 6).

O título “O bumbum caiu, mas o cachê subiu” repercutiu significativamente entre o público, sobretudo nas redes sociais, levando a própria Gretchen a postar um comunicado, em sua conta no Instagram, manifestando repúdio tanto à revista quanto à repórter que assinou a matéria. “Que desprezível, em pleno 2018, num momento de empoderamento feminino, uma mulher fazer isso com outra em troca de dinheiro ou meros 5 minutos de fama. Vc foi machista!!!”.²⁴

FIGURA 6 - Capa da Veja Rio, em 4 de abril de 2018



FONTE: Reprodução

Não é intenção deste trabalho nos aprofundarmos no texto da reportagem, pois preferimos nos ater à potência do impacto imediato que a capa gera, diante da nossa análise sobre o retorno de Gretchen à grande mídia, a partir do agendamento de “*Swish Swish*”. A manchete da revista parece condensar toda a violência simbólica suscitada pelo corpo da mulher velha que insiste em ocupar espaços na cultura midiática. A

²⁴ Excerto do texto publicado no Instagram oficial da cantora (@mariagretchen), no dia 31 de março de 2018. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bg_xVVLjU9p. Acesso em: 10 jun. 2020.

permanência dele provoca incômodo, desconforto. Assim como o migrante ou a pessoa com deficiência, Le Breton (2011) explica que os atributos físicos da pessoa velha, em especial do sexo feminino, são submetidos constantemente ao juízo social de valor, sobretudo no aparato da mídia.

A velhice é hoje esse “Continente cinza” delimitando uma população indecisa, um pouco lunar, extraviada na Modernidade. O tempo não está mais na experiência e na memória. Ele tampouco está no corpo deteriorado. A pessoa idosa resvala lentamente para fora do campo simbólico, transgride os valores centrais da Modernidade: a juventude, a sedução, a vitalidade, o trabalho. Ela é a encarnação do recalcado. Lembrete da precariedade e da fragilidade da condição humana, ela é o rosto mesmo da alteridade absoluta. Imagem intolerável de um envelhecimento que atinge todas as coisas em uma sociedade que cultua a juventude e não sabe mais simbolizar o fato de envelhecer ou de morrer. (LE BRETON, 2011, p. 174)

A misoginia associada ao idadismo (preconceito de idade), na capa da Veja Rio, lançam luz sobre décadas de objetificação feminina na cultura pop, colocando em jogo o valor social, a sexualidade e a capacidade produtiva de Gretchen no momento atual de sua vida. O estranhamento em relação a seu corpo leva a pensar que talvez a velhice seja, na verdade, uma construção social que transcende fatores cronológicos ou biológicos, tangenciando também aspectos econômicos, de estilo de vida e, sem sombra de dúvida, de gênero (CASTRO, 2015).

A referência à “queda” do bumbum, marca registrada de Gretchen, também aciona uma reflexão sobre o papel que lhe foi confiado ao ser convidada a estrelar o vídeo de Katy Perry. Além do foco nas expressões faciais características dos memes, o rebolado entra no roteiro do clipe, mas da maneira mais suavizada possível. Já no encontro com Perry, no palco, o bumbum e o rebolado viram protagonistas da performance. E quando a Veja Rio resolve destacar a fase atual de Gretchen, é ao bumbum que recorre para detratá-la.

Em resposta às acusações de machismo, a revista divulgou um comunicado, no Instagram, lamentando a interpretação dada ao texto. Segundo os editores, a intenção do título era mostrar como a cantora havia conseguido se reinventar e, também, “uma forma bem-humorada de dizer que ela superou a fase em que se valia da exposição do seu corpo para se tornar uma artista mais completa”²⁵. Mesmo na justificativa, é clara a

²⁵ A íntegra do comunicado está disponível no perfil oficial da Veja Rio no Instagram: <https://www.instagram.com/p/BhAfIfnnreB/?utm_source=ig_embed>. Acesso em: 10 jun. 2020.

leitura sexista que o corpo de Gretchen produz na mídia hegemônica, agora acentuada substancialmente pelo fator da idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao optar pela análise dos três episódios de grande repercussão protagonizados por Gretchen, entre 2017 e 2018, buscamos traçar um percurso que evidenciasse as inquietações que sua imagem parece provocar nas instâncias performáticas midiáticas. Não por acaso, nosso *corpus* constitui três suportes distintos – audiovisual, ao vivo e jornalismo impresso –, pois entendemos que a coesão dos temas aqui discutidos conecta todos eles, sem prejuízo para a investigação culturalista que propomos realizar. Como indica Barbero (1997), é a partir dos meios massivos que os processos culturais articulam práticas de comunicação capazes de nos ajudar a construir e compreender a história de nosso tempo. Arriscamos acrescentar aí também o elemento da performance, fundamental para acessar as fissuras que permeiam todos os suportes, em qualquer época.

A participação de Gretchen no *lyric video* de uma cantora pop internacionalmente reconhecida como Katy Perry lança luz sobre temas de grande interesse na contemporaneidade: feminino, idadismo e roteiros performáticos. Partindo de “*Swish Swish*”, tentamos pensar as articulações políticas que movem a engrenagem cultural do *mainstream*, silenciando convenientemente aquilo ou aqueles que complexificam as diferenças. No entanto, a exemplo do que escreve Hall (2003), “às vezes nos revelamos mais pelos nossos vínculos quanto mais lutamos para nos livrar deles”. Assim, as tentativas de apagamento acabam dizendo-nos muito mais do que o intencionado por aqueles que as operam.

Gretchen, sem dúvida alguma, é um personagem singular da cultura midiática nacional e produz uma carga simbólica suficientemente rica para fornecer pistas que permitam entender algumas das muitas nuances da sociedade brasileira. A problemática de seu corpo, inicialmente desejado e depois ridicularizado e rechaçado, é um paradigma que se adensa com o passar do tempo. Há um país inteiro orbitando na potência de seu rebolado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Portugal. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1970.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

BARCINSKI, André. **Pavões misteriosos – 1974-1983: a explosão da música pop no Brasil**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASTRO, Gisela G. S. O envelhecimento na retórica do consumo: publicidade e idadeismo no Brasil e Reino Unido. In: XXIV Compós, 2015, Brasília, **Anais eletrônicos...** Brasília: COMPOS (Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação), 2015. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-92b9fc0e-e94c-492d-a0f9-cd283e589d73_2764.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. **O corpo, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FRITH, Simon. **Performing rites: on the value of popular music**. Estados Unidos. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIMA, Mariana L. **A estetização da política na performance de Madonna**. 2017. 119 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2002.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.



**TROPOS:
COMUNICAÇÃO,
SOCIEDADE E CULTURA**

ISSN 2358-212X

Recebido em 20 de junho de 2020

Aprovado em 22 de setembro de 2020